

THOMAS TUFTE

T.Tufte@lboro.ac.uk

LOUGHBOROUGH UNIVERSITY, INGLATERRA

COMUNICAÇÃO PARA A MUDANÇA SOCIAL

A história da comunicação para a mudança social é a história de dois paradigmas em competição um com o outro – o paradigma da “difusão de inovações” (Rogers, 1995) e o paradigma participativo (Freire, 2001). Por um lado, o modelo da difusão é baseado na teoria da difusão de Everett Rogers (início dos anos 60), mas engloba um espectro alargado de estratégias com vista a resolver o problema da “falta de conhecimento e de informação”. Estas estratégias são primariamente orientadas por especialistas. Têm agentes externos de mudança como condutores e pouco ou nenhum espaço para processos participativos. A essência destas abordagens é uma comunicação linear, próxima de um monólogo, num processo orientado de cima para baixo.

Por outro lado, existe o modelo participativo. É baseado na pedagogia libertadora que Paulo Freire criou na década de 1960, mas renovado no contexto do paradigma de desenvolvimento pós-desenvolvimento (Escobar, 1995). O presente paradigma chama as questões da globalização, das redes transnacionais, dos novos média e da governação para os debates. Mais do que visar comunicar a informação correta ou relevante a públicos-alvo específicos, o paradigma procura articular processos específicos de ação e reflexão coletiva, considerando os contextos no interior dos quais se trabalha. A abordagem da comunicação para a mudança social leva muitos destes assuntos em consideração. O enfoque central está no empoderamento dos cidadãos, através do seu envolvimento ativo na identificação de problemas, no desenvolvimento de soluções estratégicas e na sua implementação. Trata-se de uma abordagem à comunicação e ao desenvolvimento que é dialógica e orientada de baixo para cima.

Se revirmos as histórias discursivas e decifrarmos estas duas principais linhas de pensamento, muitos discursos em competição são revelados – cada um centrado no seu próprio conceito e cada

um caracterizado por diferentes abordagens epistemológicas. Dentro desse universo de discursos, quatro dominam: Comunicação de Desenvolvimento (DevCom, no original em inglês), Comunicação para o Desenvolvimento (ComDev), Comunicação Alternativa Latino-Americana e Comunicação para a Mudança Social. Esta revisão exclui todo um outro campo separado, centrado em torno de abordagens mais ativistas e em movimentos sociais, assim como nas suas práticas comunicacionais e usos dos média.

- *DevCom*: a Comunicação de Desenvolvimento teve origem em Los Baños, nas Filipinas, no final da década de 1950, com a investigadora Nora Quebral. Apresenta, porém, fortes ligações conceituais com os EUA. Para muitos investigadores e profissionais, a DevCom é considerada o discurso dominante no interior deste campo de pesquisa e prática. Emergiu a partir da tradição funcionalista dos estudos de mídia e comunicação, mas, desde então, alargou o seu alcance. A USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional) e agências-chave da ONU têm seguido de forma significativa esta abordagem, especialmente em intervenções de comunicação agrícola e de saúde em larga escala, com um forte foco na mudança de comportamentos.
- *ComDev*: a Comunicação para o Desenvolvimento teve origem a partir do pensamento crítico difundido nas instituições europeias, mas também teve paralelismos claros com o pensamento em algumas instituições na América Latina, como é o caso da Colômbia, do Paraguai e da Bolívia, entre outros. A ComDev tem ligações com a perspectiva crítica dos estudos culturais europeus da década de 1980, com a sua reabilitação da cultura popular e reconhecimento da importância dos processos de criação de sentido pela audiência, ideias que cresciam nos estudos de recepção dos anos 80. Este discurso está igualmente ligado aos estudos críticos sobre a globalização, os quais questionam a noção de desenvolvimento e defendem noções pós-coloniais de desenvolvimento mais fortes.
- *Comunicação Alternativa*: paralelamente ao desenvolvimento da DevCom e da ComDev, muitas ONG, movimentos e organizações comunitárias da América Latina usavam as suas próprias linguagens, as quais eram diferentes e tinham raízes em noções

de *comunicação alternativa* (Grinberg, 1981) e de *comunicação horizontal* (Beltrán, 2006). Os investigadores e profissionais da América Latina evitaram cuidadosamente o conceito de “desenvolvimento”, já que durante décadas este termo estivera intimamente relacionado com os planos de desenvolvimento, autocráticos e orientados de cima para baixo, das ditaduras militares. Apesar desta herança, tal visão sobre “desenvolvimento” encontra-se em mudança, sendo que muitas universidades começaram a falar em “Comunicação para o Desenvolvimento”, assim como em “Comunicação para a Mudança Social” ao nomear graus e como quadros de referência.

- *Comunicação para a Mudança Social (CPMS)*: finalmente, a CPMS adquiriu uma relevância significativa com a passagem para o novo milénio (Tufté, 2017). A CPMS enfatiza uma utilização estratégica da comunicação para lidar com (e, por vezes, desafiar) as condições estruturais que ditam os processos de mudança social, por exemplo as dinâmicas de poder na sociedade que geram ampla injustiça social, ou as desigualdades de género que levam a um acesso desigual à educação. A CPMS, enquanto estratégia, colocou um enfoque forte e insistente em perspetivas orientadas de baixo para cima, entre as quais a comunicação participativa, por ser uma abordagem empoderadora e focada no processo.

Tradução: Raquel Lourenço (NOVA FCSH / ICNOVA, Portugal)

REFERÊNCIAS

- Beltrán, L. R. (2006). A farewell to Aristotle: 'Horizontal' Communication. In A. Gumucio Dagron & T. Tufté (Eds). *Communication for social change anthology: historical and contemporary readings* (pp. 157-173). South Orange: The CFSC Consortium.
- Escobar, A. (1995). *Encountering development: the making and unmaking of the third world*. Princeton Studies in Culture/power/history. Princeton: Princeton University Press
- Freire, P. (2001). *Pedagogy of the oppressed*. Londres; Nova Iorque: Penguin Books.
- Grinberg, M. (Ed.) (1981). *Comunicación Alternativa y Cambio Social*. México: UNAM.

Rogers, E. M. (1995). *Diffusion of innovations*. Nova Iorque: The Free Press.

Tufte, T. (2017). *Communication and social change – a citizen perspective*.
Cambridge: Polity.

Citação:

Tufte, T. (2019). Comunicação para a mudança social. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 87-90). Braga: CECS.